

# Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas de pedagogas

Kelly Werle



## Kelly Werle

kelly\_werle@hotmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Mestre em Educação pelo PPGE/UFSM (2010) e graduada em Pedagogia pela mesma universidade (2008). Atua como coordenadora pedagógica do Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo da UFSM e como professora no curso de Pós-Graduação em Educação Infantil/UFSM. Desenvolve pesquisas relacionadas à educação musical na formação acadêmico-profissional de professores da educação infantil e anos iniciais, bem como à educação musical na educação infantil. Participa do grupo de pesquisa Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical (Fapem) e do Grupo de Investigação e Estudos Contemporâneos em Educação e Infância, ambos na UFSM.

---

**Resumo:** O texto traz contribuições para se pensar a formação e a atuação musical e pedagógico-musical de professoras da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, tendo sido originado a partir da conclusão de uma dissertação de mestrado vinculada ao PPGE/UFSM. Apresenta como objetivo discutir a educação musical na formação acadêmico-profissional do curso de Pedagogia, bem como dialogar sobre a possibilidade de trabalhar com a educação musical a partir de histórias sonorizadas, prática adotada por estagiárias da Pedagogia/UFSM, no decorrer da pesquisa de mestrado.

**Palavras-chave:** educação musical; formação de pedagogas; histórias sonorizadas

### ***Vocalizing histories and discussing the musical education in the formation and practices from pedagogues***

**Abstract:** *The text brings contributions to think the formation and music and music-pedagogical performance of teachers from kindergarten and first years of elementary school, it had been originated from a masters' degree research articulated to PPGE/UFSM. It has as aim to discuss the musical education at profession-academic formation at Pedagogy course, as well as to dialogue about the possibility of dealing with musical education through the vocalized histories, practice adopted by trainers from Pedagogy/UFSM, throughout the master's research.*

**Keywords:** *musical education; pedagogues' formation; vocalized histories*

---

WERLE, K. Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas de pedagogas. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 84-95, 2011.

# A música

está presente em nossa vida e permeia nossas relações e construções com o mundo desde muito cedo. Basta exercitarmos um pouco nossa memória para percebermos que crescemos e nos constituímos humanos envoltos por um ambiente sonoro musical característico de nosso cotidiano e contexto social e cultural, repleto de sentidos e significados que nos são únicos.

Somos seres musicais e temos a capacidade de responder sonoramente e musicalmente à cultura em que estamos inseridos. Algumas pessoas afirmam “não ter dom para música” sem ter a consciência, contudo, de que o fazer musical não é algo concedido naturalmente sem influência do meio ou esforço próprio. Fazer música exige estudo, esforço e dedicação como em qualquer outra área do conhecimento. Portanto, a música não é um dom concedido a uns e negado a outros, o que ocorre é que, no decorrer de nossas trajetórias de vida, possuímos maiores ou menores oportunidades de estarmos nos desenvolvendo musicalmente.

Assim, não existe uma pessoa amusical, pois “a musicalidade é uma característica da espécie humana e [...] todos os seres humanos estão aptos a se desenvolverem musicalmente” (Figueiredo; Schmidt, 2008).

Essa concepção acerca da música também pode ser levada para a discussão quando pensamos na professora<sup>1</sup> que atua com a educação infantil e anos iniciais. Pois refletir sobre o trabalho com a educação musical na escola implica considerar essas múltiplas relações e construções acerca da música que perpassam pela trajetória pessoal e profissional.

Nesse contexto, é importante que na formação acadêmico-profissional<sup>2</sup> as futuras professoras possam ter a oportunidade de ressignificarem suas vivências musicais que, em grande parte das vezes, se constituem informalmente, não vivenciando sua relevância enquanto área do conhecimento. Assim, a partir de suas experiências, em consonância com novas vivências podem desenvolver conhecimentos musicais e pedagógicos musicais, que as possibilitem trabalhar com esse campo do conhecimento na docência.

Percebo a relevância da música na formação acadêmico-profissional do curso de Pedagogia para os sujeitos em formação, e destaco um processo que as professoras em formação poderiam percorrer, sob os seguintes aspectos:



1. Utilizo o gênero feminino devido à expressividade de mulheres atuando como professoras nesses níveis de ensino.

2. Tomo por formação acadêmico-profissional o conceito adotado por Diniz-Pereira (2008), o qual opta por esse termo em detrimento de “formação inicial” porque acredita que a formação inicia-se muito antes da entrada em um curso superior. Assim, o autor defende a utilização do termo “formação acadêmico-profissional” para a etapa da formação que acontece no interior das instituições de ensino superior.

- resgate das vivências musicais buscando compreender seu significado e importância para sua vida;
- ressignificação da educação musical a partir dessas vivências, buscando atribuir novos significados para a experiência com música;
- compreensão sobre a especificidade da educação musical lendo, discutindo sobre música e fazendo música.

Nesse contexto, é fundamental que a formação acadêmico-profissional das professoras de educação infantil e anos iniciais contemple a educação musical, de modo que as possibilite pensar e agir musicalmente em seu fazer docente. Para tanto se faz necessário ampliar a concepção que se tem acerca do que seja fazer música.

Certamente que essa formação não substitui a necessidade de um professor especialista em música atuando conjuntamente nesses níveis de ensino. Mas salienta-se a necessidade de que a professora da infância possa desenvolver um trabalho musical com maior clareza e criticidade junto aos alunos.

É importante lembrar que, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais para o curso de Pedagogia, o egresso deve estar apto a “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (Brasil, 2006).

Recentemente, as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental de nove anos orientam em seu artigo 31, que “do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes” (Brasil, 2010). No parágrafo 2º desse artigo orienta-se que “nos casos em que esses componentes curriculares sejam desenvolvidos por professores com licenciatura específica (conforme Parecer CNE/CEB n 2/2008), deve ser assegurada a integração com os demais componentes trabalhados pelo professor de referência da turma”.

Considerando que mediante a homologação da lei 11.769/2008 (Brasil, 2008) fica determinada a obrigatoriedade da música como conteúdo do componente curricular Arte, o egresso em Pedagogia necessita ter conhecimentos acerca da música para poder integrá-la ao seu contexto de docência, o que implica em receber formação específica durante a graduação.



A Universidade Federal de Santa Maria tem uma trajetória formativa em educação musical no curso de Pedagogia há 25 anos. Desde 1984, o curso de Pedagogia possui disciplinas obrigatórias de educação musical, as quais foram reconfiguradas e mantidas após as reformulações e adaptações curriculares ocorridas em 2004 e 2006. A formação proporcionada pelas disciplinas vem sendo ampliada e complementada pelas oficinas musicais ofertadas pelo “Programa LEM: Tocar e Cantar”<sup>3</sup> desde 2003. Esse espaço formativo da educação musical na Pedagogia tem propiciado um ambiente fértil para a produção de pesquisas tendo como lócus a formação musical do curso de Pedagogia da UFSM.

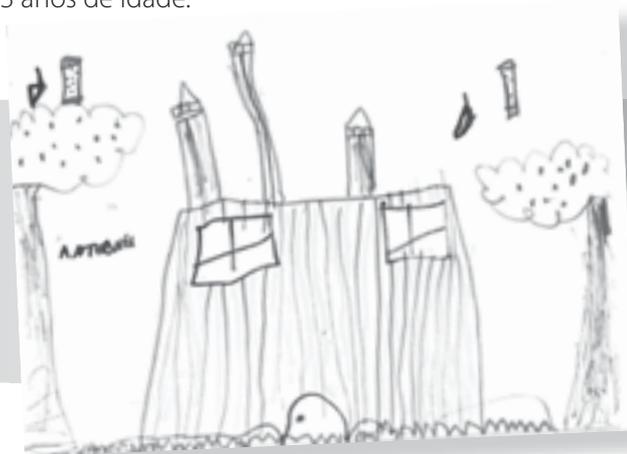


### Para saber mais

Bellochio (2000), Spanavello (2005), Correa (2008), Furquim (2009), Oesterreich (2010) e Werle (2010).

Nesse contexto, foi desenvolvida uma pesquisa de mestrado tendo como lócus a música no estágio supervisionado do curso de Pedagogia da UFSM, a qual originou este texto. No decorrer da pesquisa, que possuiu caráter participante, buscou-se investigar como as estagiárias concebem, organizam e potencializam a música no processo de construção da docência, através de um grupo composto por quatro estagiárias. A partir dos resultados obtidos se identificou as histórias sonorizadas como práticas recorrentes adotadas pelas estagiárias no trabalho com a educação musical, as quais eram criadas a partir de interesses demonstrados pelas crianças e temáticas que estavam sendo desenvolvidas.

A seguir se apresenta os registros de uma história sonorizada criada por uma estagiária participante da pesquisa<sup>4</sup> e desenvolvida em uma turma de educação infantil, com crianças de 3 anos de idade.



3. Projeto de extensão coordenado pela Profª Drª Cláudia Ribeiro Bellochio e pela Profª Drª Luciane Wilke Freitas Garbosa, o qual oferta gratuitamente oficinas musicais, ministradas por licenciandos em Música, para acadêmicos do curso de Pedagogia e outras graduações, bem como comunidade em geral.

4. Em virtude do limite da extensão de palavras para estruturação do texto, será relatada a história sonorizada de apenas uma das quatro participantes da pesquisa.

## “Vamos passear na floresta?”: sonorizando histórias

### Parte I

Olhos curiosos e atentos à organização da sala que estava diferente. Em um canto da sala, um tapete grande com alguns objetos sonoros, no outro uma caverna construída com panos e cadeiras, e, interligando os dois, um amplo espaço livre sem qualquer objeto. Cortinas abertas... luzes apagadas... um estranho mistério no ar. A professora, então, convida como quem se propõe a iniciar uma aventura: **Vamos passear na floresta?** Eis que no segundo seguinte a sala se transforma por completo! Tudo foi tomado por árvores e plantas que cresciam, não se sabe de onde, tornando o ambiente inusitado e desconhecido. A possibilidade de haver animais e feras na floresta aumentava a cada instante. Ouvidos muito atentos à jornada que estava para começar...



Contar histórias é uma ação imprescindível para o desenvolvimento e construção do pensamento simbólico infantil. Muito mais do que contribuir com o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, bem como ampliação do vocabulário, a experiência de ouvir histórias possibilita a internalização de aspectos temporais, culturais e sociais.

A narração de histórias infantis “fazem uma ponte entre os valores e crenças abstratas e a materialidade do contexto experimentado pelas crianças” (Girardello, 2007, p. 2). De modo que estimula a imaginação e criação de enredos próprios das culturas infantis.

“O contato com as histórias na cultura significa para as crianças o reencontro simbólico com um padrão organizativo – temporal e mesmo rítmico – que elas já vivem em sua experiência com a sucessão dos eventos no tempo: a rotina doméstica, a expectativa pelo aniversário, o ziguezague entre lembrança e imaginação prospectiva que marcam a ação do faz-de-conta.” (Girardello, 2007, p. 2)



Através das narrativas de histórias as crianças também passam a dar sentido e significado às diferentes situações cotidianas vividas, compreendendo os processos que compõem o ciclo da vida.

Girardello (2007) aponta alguns aspectos que considera fundamentais ao narrar uma história, dentre eles a voz e a presença. Considera a voz importante, pois entende que

## MÚSICA na educação básica

através dela são construídos vínculos afetivos de cumplicidade e confiança. O ato de contar histórias pressupõe trocas que transcendem a linguagem oral, envolvendo olhares, respiração, expressão, calor físico gerados pelos gestos, suspense, susto, medo, alegria, e demais emoções geradas pela narração. Desse modo, compreende que a partilha de uma narrativa como “um respirar junto cuja intimidade irrepetível gera uma forma muito particular de confiança”, assim “[...] a professora que se senta junto às crianças para contar uma história está se dispondo a uma interação que vai muito além do plano verbal” (Girardello, 2007, p. 3).

Unindo-se à voz e a presença, há um terceiro elemento imprescindível às narrativas de histórias: a imaginação. Através dela, há o desejo em continuar acompanhando a história para descobrir o que está por vir.



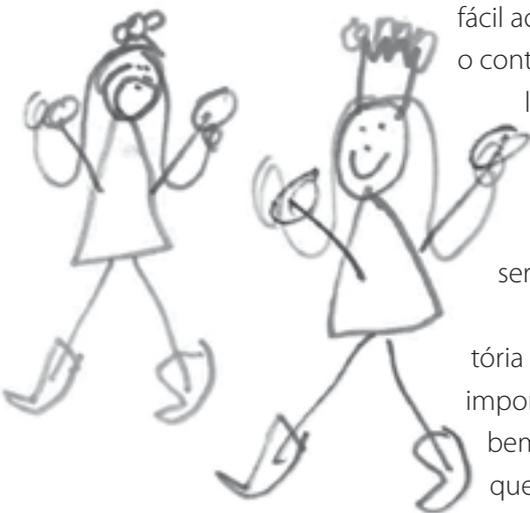
**“A criança quer saber de tudo o que está envolvido na performance do adulto que lhe canta uma cantiga ou conta uma história: como dizer, como cantar, como produzir com palmas o som de uma cavalgada, como fazer o personagem roncar. E à medida que sua capacidade lingüística vai se sofisticando, vai ficando curiosa para saber que surpresa lhe reserva o enredo.” (Girardello, 2007, p. 6)**

Nesse sentido, as histórias podem se tornar um recurso para o trabalho com a música, a partir do momento em que se busca torná-las mais expressivas e sonoras. A forma como se narra uma história, variando a entonação de voz conforme as diferentes partes: ora mais grave, mais agudo, pronunciando mais rápido ou lentamente, suave ou mais forte, enriquecem a história e despertam as crianças para as variações sonoras que estão ocorrendo. “O faz de conta deve estar sempre presente, e fazer música é, de uma maneira ou de outra, ouvir, inventar e contar histórias.” (Brito, 2003, p. 161).

As histórias sonorizadas são uma possibilidade para o trabalho com música de fácil acesso para professoras da educação infantil e anos iniciais, pois conhecem o contexto de suas turmas, sendo possível identificar os elementos e temas que lhes são mais significativos e que podem aguçar ainda mais a imaginação e a criatividade, contribuindo para a construção da história sonorizada.

Além disso, nesse tipo de atividade não se fazem necessárias habilidades vocais ou o uso de instrumentos musicais convencionais, podendo ser utilizados a voz, o corpo ou objetos sonoros.

De acordo com Brito (2003), a professora pode contar e sonorizar sua história ou também realizar a atividade com o auxílio das crianças. Contudo, é importante analisar previamente o tipo de história que se pretende trabalhar, bem como as possibilidades de momentos com maior ênfase sonora. Sugere que sejam feitas opções por histórias mais breves, com texto e enredo mais



simples que permitam às crianças prestarem atenção maior à sonorização.

É importante que o ambiente em que será realizada a narração da história possa ser pensado, organizado e planejado, a fim de que possa ser convidativo às crianças adentrarem na história proposta, contribuindo assim com a criação durante o processo de sonorização.

Veja alguns vídeos de Bia Bedran como exemplos de histórias sonorizadas:

*Macaquinho sai daí*, disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=9NrOMDp1FSU>

*Vento Norte*, disponível em:

[http://www.youtube.com/watch?v=v\\_TXUhxsABU&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=v_TXUhxsABU&feature=related)

*O pescador, o anel e o rei*, disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=n4bh0ypxoak>



## Parte II

– Vamos passear na floresta?

– Vamos!!

E o passeio começa com todas as crianças sentadas no tapete, que já não era mais um tapete, mas sim um barco que navegava pelo rio da floresta.

– Vocês estão ouvindo o som do rio? Como podemos fazer o som do rio?

Rapidamente as crianças passam a explorar os sons dos instrumentos e objetos sonoros, e a cada desafio proposto pela professora, iam sonorizando e vivenciando a história, ora com os objetos disponíveis, ora com sons do próprio corpo.

Uma cascata se aproxima, é chegada a hora de abandonar rapidamente o barco, nadar até a margem. Na medida em que se movimentavam por todos os espaços iam desvendando os mistérios da floresta. A caminhada, o trecho do mato fechado, a trilha de pedrinhas, a escalada nas árvores, a colmeia, o encontro com os macacos, tudo ia somando muita sonorização e estimulando a imaginação com as situações que as próprias crianças iam sugerindo.

Até que, copiosamente, começou a chover, a trovejar e a ventar... E agora?

Para onde ir?



Realizar uma história sonorizada junto aos alunos implica elaborar um enredo e um cenário sonoro através do qual será contada ou vivenciada, conforme a situação exemplificada. A história a ser sonorizada pode ser alguma já conhecida de livros infantis, uma

## MÚSICA na educação básica

adaptada ou construída pela professora e, até mesmo, pode ser construída em conjunto com as crianças.

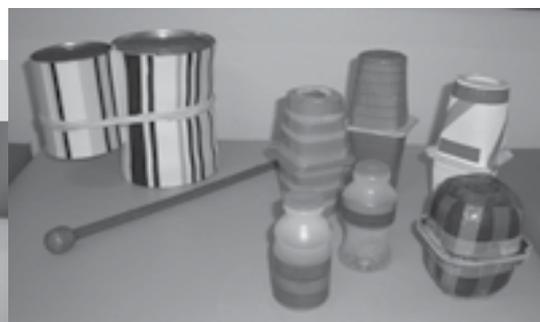
Os elementos a serem utilizados para sonorizar uma história podem variar conforme as possibilidades de materiais disponíveis.



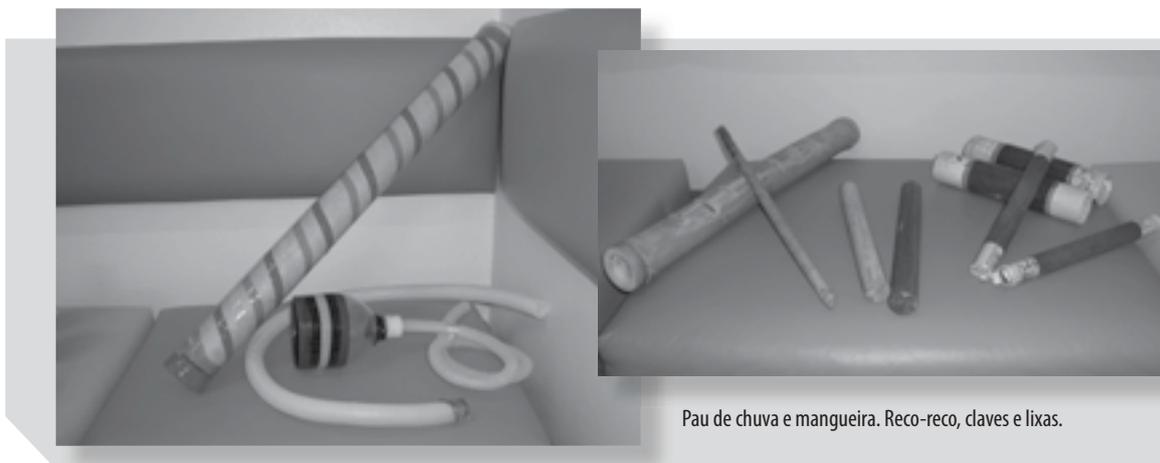
“Descobrir que materiais usar (sons vocais, corporais, de objetos) é tarefa a ser desenvolvida em conjunto (quando as crianças já tem maturidade para isso), por meio de pesquisas dos materiais disponíveis na sala de aula ou que se encontrem no pátio da escola.” (Brito, 2003, p. 164)

Podem ser utilizados objetos sonoros confeccionados pelas próprias crianças, como por exemplo: tambores feitos com latas de diversos tamanhos; chocalhos feitos com diversos tipos de potes de iogurte acrescido de pedrinhas, cliques, sementes, areia, etc.; móveis feitos com chaves, parafusos ou gizos pendurados em um barbante fixados em uma base; reco-reco e claves feitos com pequenos bastões de madeiras; lixas; pau de chuva confeccionado a partir de um tubo de papel de comprimento extenso; etc. Negativos de exame de raios X costumam causar um bom efeito quando são segurados em uma extremidade e sacudidos aleatoriamente, produzindo um som semelhante ao de trovoadas. Da mesma forma, pedaços de mangueiras amarelas, frequentemente utilizadas para passar a fiação elétrica em construções, obtêm bom efeito sonoro quando são segurados em uma das extremidades e balançados rapidamente em movimentos circulares, o que se assemelha com o som do vento.

Por outro lado, também podem ser usados objetos da própria sala de aula dos quais seja possível extrair algum tipo de som, como, por exemplo, passar o lápis ou caneta na mola do caderno, abrir e fechar o zíper do estojo ou da mochila, friccionar o giz no quadro, dentre outros. Pode-se desafiar os alunos a explorar as possibilidades sonoras da sala de aula para criar um cenário sonoro para a história.



Tambor, chocalhos e móveis



Pau de chuva e mangueira. Reco-reco, claves e lixas.



### Para saber mais

Veja mais sugestões para confeccionar instrumentos musicais alternativos:

<http://educaja.com.br/2008/01/instrumentos-musicais-com-sucata.html>

<http://atitudemusical.blogspot.com/2010/12/construcao-de-instrumentos-musicais.html>

<http://aecmusica.blogspot.com/2009/10/construcao-de-instrumentos-musicais.html>

### Parte III

– A caverna! Vamos correr para a caverna!

Protegidos da chuva, inicia-se a exploração da caverna e dos sons desse inusitado lugar. Que criatura habitaria a caverna?

– Gente, olha lá! É peludo, tem rabo comprido... Que cheiro é esse?

– É um gambá!

Todos corriam para fora da caverna fugindo do gambá. Era necessário fazer todo o caminho de volta e muito rápido.

\* \* \*

No dia seguinte, uma criança chega à sala de aula acompanhada de um gambá de pelúcia. A turma revive a história e agora ganha um novo mascote que passa a acompanhá-los nas próximas atividades. “O gambá de pelúcia virou o mascote da turma. As crianças disputavam ele, tratavam ele como uma pessoa, tudo por causa da história ‘Vamos passear na floresta’. Até no banheiro levaram o gambá junto” (Caderno de registro, estagiária Dora, set. 2009).

\* Atividade adaptada a partir de *Vamos passear na floresta?* (CD que integra a edição especial Música 1 da revista “Guia prático para professores”, 2006).



É importante que as histórias sonorizadas possam ter como dispositivo a mediação do professor no sentido de desafiar as crianças a explorarem as diferentes possibilidades sonoras dos objetos disponibilizados. A problematização do professor é fundamental, para que as crianças possam ser estimuladas não só a produzirem sons, mas também a ouvirem os sons que estão sendo produzidos pelos colegas, de modo atento, organizado e reflexivo. Podem ser feitos questionamentos acerca dos efeitos produzidos por esses sons, bem como realizar comparações entre as propriedades dos mesmos: longo ou curto (diz respeito à duração), fraco ou forte (intensidade), agudo ou grave (altura <sup>6</sup>), etc. Podem-se propor diferentes organizações em que os sons não sejam produzidos somente de modo concomitante, mas seus efeitos possam ser explorados separadamente e alternadamente em pequenas composições de dois ou três objetos sonoros.

Entende-se que as histórias sonorizadas são um possível caminho para o trabalho sonoro-musical a ser realizado pelo professor junto aos alunos. Contudo, é importante que a professora, ao conceber a relevância da educação musical como parte do desenvolvimento integral da criança, possa colocar-se em um constante movimento de busca por alternativas diferenciadas que possam ser contempladas em suas práticas docentes. Para isso, é preciso ressignificar a sua relação com a música, não restringindo ou limitando a sua atuação por não ter o domínio de certa habilidade vocal ou com instrumentos musicais convencionais.

A possibilidade da professora de educação infantil e anos iniciais trabalhar com a música em suas práticas amplia a capacidade de contextualização e significação a ser construída acerca da música pelos alunos. Na medida em que o professor organiza sua ação pedagógica e articula as áreas do conhecimento, integrando-as à música, as aprendizagens passam a ter mais significado para as crianças.



6. Para que essa propriedade possa ser compreendida mais facilmente pela criança, pode-se fazer referência ao som agudo associando-o a um som mais "fino", ao passo que um som grave pode ser referido como um som mais "grosso".



## Referências

- BELLOCHIO, C. R. *A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor*. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em: 1 jun. de 2009.
- \_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010*. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=7246&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7246&Itemid=>)>. Acesso em: 1 fev. 2011.
- BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CORREA, A. N. *Programa LEM: tocar e cantar: um estudo acerca de sua inserção no processo músico-formativo de unidocentes da Pedagogia/UFSM*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- DINIZ-PEREIRA, J. A formação acadêmico-profissional: compartilhando responsabilidades entre universidades e escolas. In: EGGERT, E. et al. *Trajatória e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008. p. 253-266.
- FIGUEIREDO, S. L. F. de.; SCHMIDT, L. M. Refletindo sobre o talento musical na perspectiva de sujeitos não-músicos. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Simcam, 2008. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais\\_simcam4.htm](http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- FURQUIM, A. S. dos S. *A formação musical de professores em cursos de Pedagogia: um estudo das universidades públicas do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- GIRARDELLO, G. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, C.; CABRAL, G. (Org.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas: Papyrus, 2007. p. 39-57. (Coleção Ágere).
- Guia prático para professores - Especial. Música 1. Revista do educador. Edição nº 7. São Paulo: Editora Lua, 2006. Acompanha Cd de canções infantis.
- OESTERREICH, F. *A história da disciplina de música no curso de Pedagogia da UFSM (1984-2008)*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- SPANAVELLO, C. da S. *A educação musical nas práticas educativas de professores unidocentes: um estudo com egressos da UFSM*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
- WERLE, K. *A música no estágio supervisionado da Pedagogia: uma pesquisa com estagiárias da UFSM*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.